



SEÇÃO: ENSAIOS

A exacerbação do abjeto em *Uso Errado da Vida*

The exacerbation of the abject in Wrong Use of Life

La exacerbación de lo abyecto en Mal Uso de la Vida

Gisele Silva Oliveira¹

orcid.org/0000-0002-9573-1011

gisele.0957@gmail.com

Recebido em: 5 ago. 2022.

Aprovado em: 30 set. 2022.

Publicado em: 21 nov. 2022.

Resumo: Em diálogo com a perspectiva de Ana Paula Arnaut (2018), para quem a produção literária ficcional portuguesa, a partir dos anos 2000, tem como característica a recorrência de práticas intertextuais e interartísticas, aliadas a representações de violência extrema e de personagens marcadas pelo que a autora considera desequilíbrios patológicos, percebe-se na narrativa de Paulo Rodrigues Ferreira, em *Uso Errado da Vida*, a constituição de um enredo imoderadamente intertextual e no qual as personagens revelam, a cada momento, mais e mais desajustes, no que se refere aos padrões convencionalmente estabelecidos. Nesse sentido, este artigo propõe uma análise acerca da representação do abjeto em *Uso errado da Vida*, especialmente a partir de Orestes, protagonista homônimo ao da tragédia *Oresteia*, de Ésquilo. Tomaremos como base teórica sobre o conceito de abjeto as proposições de Kristeva (1982).

Palavras-chave: Uso Errado da Vida; Orestes; abjeção; violência.

Abstract: In dialogue with Arnaut's (2018) perspective, for whom Portuguese fictional literary production from the 2000s onwards has as a characteristic the recurrence of intertextual and interart practices, allied to representations of extreme violence and characters marked by what the author considers pathological imbalances, in the narrative of *Uso Errado da Vida* (Wrong Use of Life) by Paulo Rodrigues Ferreira we can see the constitution of an immoderately intertextual plot in which the characters reveal more and more maladjustments at every moment, with regard to the conventionally established standards of conduct and social coexistence. In this sense, this paper proposes an analysis of the representation of the abject in *Wrong Use of Life*, especially from Orestes, the protagonist with the same name of the tragedy *Oresteia*, by Esquilo. We will take Kristeva's (1982) propositions as a theoretical basis about the concept of the abject.

Keywords: Wrong Use of life; Orestes; abjection; violence.

Resumen: En diálogo con la perspectiva de Ana Paula Arnaut (2018), para quien la producción literaria ficcional portuguesa, a partir de la década de 2000, se caracteriza por la recurrencia de prácticas intertextuales e interartísticas, combinadas con representaciones de extrema violencia y personajes marcados por lo que la autora considera desequilíbrios patológicos, se puede ver en la narrativa de Paulo Rodrigues Ferreira en *Uso Errado da Vida*, la constitución de una trama desmesuradamente intertextual y en la que los personajes se revelan cada vez más inadaptados en cada momento, respecto a los estándares, convencionalmente establecidos. En este sentido, este artículo propone un análisis sobre la representación de lo abyecto en *Uso erro da Vida*, especialmente de Orestes, el protagonista homónimo de la tragedia *Orestíada*, de Esquilo. Tomaremos como base teórica sobre el concepto de abyecto las proposiciones de Kristeva (1982).

Palabras clave: Mal Uso de la Vida; Orestes; abyección; violencia.



¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil.

Introdução

Uso Errado da Vida, publicado em 2019, é uma obra contemporânea da Literatura Portuguesa, sendo o primeiro romance do autor Paulo Rodrigues Ferreira, que, em 2014, publicou também a coletânea de contos *Sonhos de Lobo*. Devido ao caráter recente da publicação, não há uma produção acadêmica e crítica significativa a respeito desse romance analisado. A despeito disso, a obra apresenta rico potencial para análise, conforme será demonstrado ao longo desse artigo e, bem como apresentou o estudo de Araújo (2022) ao dedicar-se à abordagem de representações e temáticas relacionadas ao contemporâneo. Nesse sentido, o autor aponta os temas: "traição, depressão, suicídio e a apatia da personagem" (ARAÚJO, 2022, p. 65) como elementos de destaque na trama analisada.

Com relação ao enredo, *Uso Errado da Vida* narra a trajetória de Orestes, protagonista que, não por acaso, é homônimo ao personagem matricida da tragédia grega *Oresteia*, de Ésquilo. Ambos os personagens são filhos de mães adúlteras e têm nisso um fator gerador de conflito.

A história do Orestes contemporâneo é narrada de um modo em que não se consegue estabelecer o que é fato ou delírio. Tem como ponto de partida a infância do protagonista e sua relação traumática com a mãe, Maria, que traía o marido, tendo inclusive relações íntimas com amantes na presença do filho. Complementarmente a essa perturbadora figura maternal, irá atormentar-lhe mentalmente o espectro do pai traído, homem fraco demais para qualquer reação. Ambos, pai e mãe, imprimem-lhe uma espécie de mácula de nascença (um caráter abjeto) impossível de apagar.

Excluído em todo lugar como o menor dos inferiores, Orestes até tenta traçar uma vida diferente, mas, como a mãe, decai na promiscuidade. Em suas tentativas de adequação, a namorada Sofia lhe parece uma possibilidade de acolhimento, porém, ele a trai com Eva, irmã dela, perdendo a chance de estabelecer uma relação saudável, que sinalizaria sua submissão a valores morais e convenções sociais de convívio humano. Contar

seus erros a já então sua esposa Sofia lhe parecia a única maneira de livrar-se do tormento mental e conseguir de fato criar um vínculo verdadeiro. Mas, ao saber de tudo, Sofia se revolta e junto com sua mãe, Gertrudes, e sua irmã, Eva, provoca a morte de Orestes.

Essa morte imposta mais merece ser lida de modo simbólico que literal, isto é, como um símbolo da rejeição da esposa, decisão que frustra a última esperança de acolhimento alimentada pelo protagonista. A partir dessa frustração, Orestes é levado a apartar-se de modo ainda mais definitivo das normas que regulam o convívio social humano, sendo impulsionado em direção ao mesmo local de transposição das fronteiras da abjeção, onde se encontra a figura materna. Nesse território apartado, ambos (mãe e filho) já não estariam em condições humanas nem sob o jugo das regras sociais. Enquanto animais podem, enfim, entregarem-se ao instinto e ao gozo incestuosos.

Como representante maior de todos os amantes da mãe ao longo da trama, há o personagem Egisto, também homônimo a outro personagem de *Oresteia*; o amante de Clitemnestra, mãe de Orestes e esposa de Agamenon na tragédia esquiliana. Todavia, as referências intertextuais de *Uso Errado da Vida* não podem ser pensadas de modo restrito à *Oresteia*. Primeiramente, cabe lembrar que a figura de Orestes foi retomada, não só por Sófocles e Eurípedes ainda na antiguidade grega, mas por autores diversos até os dias atuais, passando, por exemplo, pela perspectiva renascentista de Racine, no século XVII, com *Andromaque* e pelo existencialismo de Sartre, no século XX, com *As Moscas* (FERREIRA, 2018). Até mesmo na literatura brasileira encontraremos ecos desse diálogo, em textos, como, o conto *Píldes e Orestes*, de Machado de Assis, e a peça *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues. Esta última tem como base, sobretudo, a relação com outro texto em que Orestes aparece: *Elektra Enlutada*, de Eugène O'Neill (BIRCK, 2011). Isso sem falar de obras como *Hamlet*, que não retoma o personagem Orestes em si, mas cuja trama de seu protagonista muito se assemelha

à do trágico grego.

Ademais, se apenas partindo da figura de Orestes já é possível perceber o quanto a análise do diálogo intertextual em *Uso Errado da Vida* poderia se estender para muito além do que seria capaz essa pesquisa, a obra ainda traz outras referências intertextuais, muitas delas a partir de outros nomes de personagens, como é o caso de Sofia Andreyevna (namorada de Orestes no romance), cujo nome é o mesmo da esposa do escritor Leon Tolstói, inspiração para a personagem Kitty de *Anna Karenina*. Há ainda mais exemplos, como: Gertrudes, sogra de Orestes, homônima à personagem da rainha da Dinamarca, em *Hamlet*; e Eva, cunhada e amante do protagonista, cujo nome tem referência bíblica, além de outros nomes, apelidos, menções e demais recursos intertextuais que aparecem ao longo da narrativa.

Aqui não se pretende, entretanto, esgotar todas essas referências intertextuais, o que desde já se mostra inviável, mas sim abordá-las enquanto elementos que operam na constituição de representações de violência e desajustes, tendo em vista que o enfoque principal dessa pesquisa é analisar a presença do abjeto no romance objeto de estudo.

As proposições de Arnaut (2018) acerca da Literatura Portuguesa produzida a partir dos anos 2000, especialmente no que diz respeito às reflexões da autora sobre a aliança entre a prática intertextual e representações de violência e de desequilíbrio patológico, serão colocadas em diálogo com as análises aqui propostas, nas quais o conceito de abjeto será pensado tendo como base teórica a perspectiva de Kristeva. Para Kristeva (1982), a abjeção estabelece-se a partir do conflito interior provocado pela tensão entre os polos de desejo/atração X rejeição/repulsa. Conforme a autora, diferente do objeto que impulsiona a um desejo de sentido, no abjeto o sentido cai em ruínas. Com base nessa reflexão, a presente pesquisa buscará compreender os modos pelos quais esse desmoronamento do sentido faz-se notar em *Uso Errado da Vida*, a partir do tensionamento dos limites que cons-

tituem o abjeto.

Representações de violência em *Uso Errado da Vida*

Ao propor o conceito de hipercontemporâneo, Arnaut (2018) destaca que este provém:

[...] tanto do culto mais sistemático desta variante quanto de uma necessidade de mudança terminológica, correspondente à própria evolução da dinâmica histórico-social e, por conseguinte, ao imperativo de inscrever novos temas e novos cenários que espelhem as inflexões comportamentais, (inter)individuais e (inter)sociais, decorrentes de um novo mundo, globalizado, em constante transformação, e, também, em progressiva escalada de violência (ARNAUT, 2018, p. 22).

Essa violência progressiva, cuja representação Arnaut (2018) aponta como característica de destaque na Literatura Portuguesa produzida a partir de 2000, encontra-se bastante presente no enredo de *Uso Errado da Vida*. A experiência de violência e não acolhimento vivida por Orestes revela-se desde o primeiro capítulo. Denominado *Adeus Mãe* esse capítulo inicia-se com um lamento: "Ofereceste-me tristeza, trocastes-me por amantes, cresci derrengado pela ausência de colo" (FERREIRA, 2019, p. 7). Pensar essa ausência de colo como uma violência primeira torna-se importante para compreender o processo de errância, ao qual o personagem desde sempre se vê relegado, por não encontrar um lugar de acolhimento, que lhe permita identificação.

As concepções psicanalíticas de Winnicott (2006) mostram-se relevantes para essa reflexão ao abordarem a importância de um ambiente saudável, desde a primeira infância, para que aspectos como desenvolvimento da identidade e integração com o mundo possam ocorrer de forma adequada no indivíduo. Nesse contexto, a mãe teria papel primordial ao ser capaz (ou não) de atender às necessidades da criança, ou seja, de constituir-se como o que o autor denomina de "mãe suficientemente boa", aquela capaz de mediar uma relação saudável entre o indivíduo recém-chegado e o mundo. Winnicott (2006) destaca, como parte desse materno, a importância do ato de segurar, pensando o termo em seu

significado amplo, ou seja, no sentido de tornar seguro, amparar, a fim de que não caia. Sem colo, sem alguém que o tenha segurado e amparado em seus primeiros passos, Orestes caminha, ou melhor, erra, sempre a partir de passos inseguros.

Por vezes, é possível notar que o protagonista busca algo em que possa se segurar, uma fonte de amparo, porém quase todo o tempo a vida lhe é apresentada de forma violenta e os ambientes de modo hostil. Note-se o modo como descreve uma cena em sua escola: "Vagueava pela escola, quando uma corcunda e barbuda professora perguntou pela situação familiar dos alunos. Inventei que tinha um pai polícia e uma mãe enfermeira. Antes disso do que cornudo e alcoólatra ninfomaniaca" (FERREIRA, 2019, p. 7). Convém atentarmos para o verbo utilizado para descrever como se encontrava na escola: "vaguear: andar ao acaso, à toa, sem destino; errar, vagar, vagabundear" (VAGUEAR, [2010]). Ele não se descreve em posição fixa, o que traria uma ideia ainda que provisória de estabilidade, de lugar.

Essa experiência com o não lugar revela-se até mesmo na relação entre Orestes e a própria casa. Uma casa, ou mesmo uma escola, a princípio não corresponderiam aos não lugares típicos descritos por Augé (1994), como rodovias, aeroportos, aviões, shoppings. Todos esses espaços citados pelo autor são marcados pelo objetivo de trânsito, comércio e/ou lazer, por isso neles não se chega a estabelecer permanência suficiente para que se desenvolvam aspectos identitários, relacionais e históricos definidores da constituição do lugar. Porém, se Augé (1999) chega a definir o lugar antropológico como "o lugar do em casa", Damiano e Diesel (2013) apontam que na efemeridade do pós-moderno, a ausência de vínculos provoca até mesmo a despersonalização da casa, que se torna também não lugar, como consequência de uma despersonalização maior: a das relações. Na obra analisada, a deterioração das relações e dos vínculos impede que a casa se constitua em um lar, pelo contrário torna-se um espaço qualquer que nem ao menos é situado geograficamente e que, ao invés de identificação e acolhimento,

provoca um repulsivo aprisionamento, como se percebe nos trechos abaixo:

Que repugnante dividir o pardieiro com dois tarados [...]. O recalado Orestes afocinhava num alguidar a deitar por fora de água gelada empanturrava os tímpanos de tampões antirruído, comprimia as têmporas entre o estrado da cama e o colchão e entopia a goela de valdispert, de victan, de sedoxil e de rivotril, de comprimidos, que tardavam a surtir efeito, e que com a habituação iam perdendo a potência. [...] Tantos episódios macabros empilhava Orestes na recordação daqueles dias trancado no quarto (FERREIRA, 2019, p. 71).

Para além da casa e da escola, a violência e a brutalidade humana parecem cercar Orestes por todos os lados. Nos locais marginalizados, como os bares e prostibulos que costuma frequentar, a violência ocorre de diversas formas – inclusive de maneira física da parte dele contra prostitutas e, também, de outras pessoas contra ele. Todavia, não só nesses locais específicos a violência está presente, pois ela permeia seu cotidiano de um modo geral. Uma simples ida à praia é marcada por tormentos diversos, do nojo provocado pelo mau cheiro das pessoas no ônibus, a ser obrigado a ouvir as ideias intolerantes e agressivas de um personagem identificado sarcasticamente como Belifonte. Defensor da superioridade branca, apoiado em teorias pseudocientíficas já ultrapassadas, Belifonte, um branco que no passado foi traído por sua esposa com um homem negro, revela seus ideais nazistas e racistas a Orestes, que não é capaz de demonstrar qualquer esboço de reação, ainda que se incomode.

Considerando o neonaturalismo abordado por Arnaut (2018), ao comentar a retomada apontada por Miguel Real (2011) de tendências naturalistas em obras portuguesas contemporâneas, o modo hipersexualizado e animalesco pelo qual Belifonte, enquanto homem branco e porta-voz de ideias racistas, descreve o homem negro, amante de sua esposa – em termos de instinto sexual e também do tamanho do genital – poderia nos levar em um primeiro momento a enxergar esse homem negro, sob a superficialidade daquilo que Miguel Real caracteriza como "corpos carnavais com deficiências físicas acentuadas" (REAL, 2011,

p. 13 apud ARNAUT, 2018, p. 24). Isso se aceitarmos sem um questionamento mais aprofundado essa noção de denominar como deficiência física acentuada tudo aquilo que foge a um padrão de normalidade socialmente e arbitrariamente convencionado, como o faz Miguel Real (2011) ao incluir nessa categoria pessoas homossexuais. Cabe lembrar que a própria Organização Mundial de Saúde, já reconheceu que a homossexualidade não se trata de doença, deficiência ou distúrbio, como por décadas se tentou inutilmente comprovar (MANIFESTO..., 2014). Sendo assim, tal caracterização, ao utilizar inadequadamente uma categoria do campo das ciências médicas pode levar a desviar o foco da violência desse discurso de intolerância, uma vez que contribui para consolidar a perspectiva de que o problema ou defeito na verdade reside na constituição física e/ou mental daqueles considerados diferentes, sejam estes homossexuais, negros ou quaisquer pessoas cujo corpo não corresponde ao padrão socialmente esperado. O personagem Belifonte é representativo dessa perspectiva eurocêntrica de superioridade, que visa a colocar o outro como inferior, embasando seu desejo de violência em teorias pseudocientíficas ultrapassadas. Mas cabe notar aqui, que com essa atitude o personagem só revela em si mesmo o retrato da decadência e degradação-humana, que malogradamente tenta sublimar-se e enobrecer-se por meio de uma mal formulada racionalidade. Nesse sentido, a retomada do naturalismo na narrativa de Paulo Rodrigues Ferreira não atribui a animalidade ou a tendência para o mal apenas a indivíduos cujo senso comum classifica como diferente. A brutalidade e a violência são apresentadas como inerentes a todo ser humano, incluindo aqueles que se acreditam modelo universal de superioridade a ser seguido.

A passividade do protagonista diante do horror e da violência, conforme se percebe, revela-se em diversos momentos: diante da indiferença da mãe; da exclusão na escola e no bairro; das ofensas de sua sogra Gertrudes. Orestes até mesmo presencia um homem praticar uma autoviolência

suicida e segue seu dia como se nada houvesse acontecido. No entanto, tal passividade não o impede de também reproduzir violência, pelo contrário, sua inércia é justamente o que o leva a não resistir à onda de brutalidade em que se vê inserido.

Desse modo, se a violência de Orestes na tragédia grega ocorre em nome de uma vingança em defesa da honra paterna e se em *Hamlet* a morte decorrente do embate de personagens envolvidos no conflito principal da peça pode ser vista como um modo de limpar, purificar a podridão que teria se apoderado do reino da Dinamarca, no caso de *Uso Errado da Vida*, a violência praticada pelo protagonista em nenhum momento terá um caráter de limpeza da honra ou da moralidade. Não há nele força para se vingar de qualquer mal. Pelo contrário, irá perpetuá-lo. Ao se relacionar com prostitutas, irá reproduzir não só as cenas promíscuas que presenciou, mas também o mesmo tipo de agressão que viu sua mãe sofrer.

Tudo é conspurcado por um ciclo de violência e imoralidade que não aparenta ter fim. O horror da violência e promiscuidade ao qual foi exposto provocou em Orestes repulsa, mas também irresistível atração, levando-o a uma experiência que muito se relaciona com o modo como Kristeva (1982) descreve a abjeção. Assim, mostra-se proveitoso analisarmos mais especificamente essa questão da abjeção em *Uso Errado da Vida*, o que faremos a seguir.

A Exacerbação da abjeção: Orestes e a transposição dos limites do humano

Kristeva (1982) compreende a literatura contemporânea em sua relação com o perverso. Conforme sua perspectiva, reconhecendo o absurdo dos jogos de poder da religião, da moralidade, da lei, o escritor brinca com suas regras e introjetando o abjeto "perverte linguagem, estilo e conteúdo. [...] Pode-se dizer que com tal literatura ocorre um cruzamento das dicotômicas categorias de Puro e Impuro, Proibição e Pecado,

Moralidade e Imoralidade" (KRISTEVA, 1982, p. 25, tradução nossa).²

Em *Uso Errado da Vida*, tais categorias são por diversas vezes colocadas sob tensão. Egisto, por exemplo, alterna indefinidamente entre resquícios de sensibilidade e brutalidade agressiva. Gertrudes, por sua vez, tenta demonstrar-se modelo de obediência a preceitos morais, religiosos, porém, de modo escondido, pratica tudo aquilo que condena. Assim como sua homônima em *Hamlet*, trata-se de uma personagem que simboliza a fragilidade dos valores civilizatórios europeus, que não se sustentam para além das aparências. Sofia é uma das poucas personagens que, antes do desfecho da trama, parece ainda resguardar algum pudor, mas que ao fim revela sua face violenta.

Mesmo antes Sofia também já havia vivido um pequeno conflito: ao ter contato com um ambiente com resquícios (como uma liga e pelos corporais) de um encontro sexual anterior (de sua mãe), Sofia se desestabiliza entre o nojo e o desejo. Tenta se concentrar na leitura de Proust para desligar-se da tensão, mas acaba enfim cedendo ao instinto sexual (por meio da masturbação) em detrimento da tentativa de sublimá-lo pelo esforço intelectual.

Com relação a essa questão do nojo, a abjeção em *Uso Errado da Vida* faz-se notar por diversas vezes a partir dele. O nojo, conforme Kristeva (1982), constitui um dos modos mais arcaicos de abjeção. O elemento causador de nojo provoca náusea, vômito: o impulso de expulsar-se de si mesmo de abjetar-se. As cenas em que Franco José, pai de Orestes, sente-se enauseado, devido ao bafo e mau-cheiro da dona da pensão, apelidada de Velha Bafienta – com a qual ele se relaciona, como forma de pagar sua estadia nos últimos dias de vida – são bem representativas disso. Mas, de um modo geral, pode-se dizer que o nojo perpassa toda a trama, na descrição de cenários como bares e prostíbulos descritos em sua precariedade e sujeira, bem como na pouca higiene de maior parte dos personagens, desde

os menos importantes na história ao próprio protagonista, que é sempre criticado pela sogra por ser malcheiroso.

A representação de corpos fora do padrão físico/estético tido como ideal e de grupos socialmente excluídos também é frequente em *Uso Errado da Vida*. De corpos fora do padrão há exemplos vários: Prolixa, prostituta de rosto considerado feio, com quem Orestes só consegue se relacionar escondendo-lhe a cabeça em uma fronha; a professora descrita como corcunda e peluda; o gordo apresentador, que usava dentadura e em cuja testa escorria sebo; o corpo envelhecido e as varizes de Maria; a ferida visível do câncer de Franco José, entre muitos outros, que nos alongaríamos demasiadamente a citar. Já no que se refere a representação de grupos marginalizados, destacam-se as prostitutas e outros personagens encontrados nos bares e ambientes de prostituição aos quais Orestes frequenta. Também há referência a personagens negros em dois momentos específicos, ambos relacionados à questão do racismo. O primeiro é o episódio já citado da conversa com Belifonte e o segundo é o que apresenta uma personagem descrita apenas a partir do pejorativo termo "mulata". Tal personagem e seus filhos eram excluídos por todos do bairro, devido ao racismo, porém, ainda assim, esta excluía Orestes, não o aceitando como amigo de seus filhos.

Faz-se aqui um adendo de que não se pretende defender neste artigo a perspectiva de que características físicas, raciais e/ou de atividade profissional são por si mesmas responsáveis por remeter um indivíduo ao abjeto. Nesse sentido, pensando a partir da perspectiva de Kristeva (1982), o que a narrativa parece fazer é assumir seu papel de arte abjeta e brincar não só com as regras das leis, da religião e da moralidade, mas também com as regras que determinam o que seria um padrão de corpo saudável e belo, evidenciando o absurdo desse próprio ideal que se mostra inalcançável. O que o texto nos induz a pensar é que não há quem esteja de todo livre

² Do original: [...] perverts language — style and content. [...] One might thus say that with such a literature there takes place a crossing over of the dichotomous categories of Pure and Impure, Prohibition and Sin, Morality and Immorality.

da abjeção, e que assim as próprias convenções sociais estariam, de certo modo, a serviço do abjeto. Por outro lado, também parece interessante, nesse caso, recorrer à compreensão de Butler (2002), que procura pensar a questão da abjeção, privilegiando sua dimensão política:

A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia [...]. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'. Para dar uma idéia: a imprensa dos Estados Unidos regularmente apresenta as vidas dos não-ocidentais nesses termos. O empobrecimento é outro candidato freqüente, como o é o território daqueles identificados como 'casos' psiquiátricos (BUTLER, 2002, p. 157-162).

De todo modo, chama atenção, especificamente no contexto da trama, o quanto Orestes é inferiorizado até mesmo entre oprimidos e subalternizados; note-se o exemplo da rejeição por parte da vizinha "mulata". Nesse contexto, o personagem adentra cada vez mais em um caminho de errância, que o levará a extrapolar toda a abjeção já demonstrada a partir dos outros personagens. Na origem dessa abjeção certamente estaria o conflito gerado pela contradição entre repulsa e desejo, que advém antes de tudo de sua relação com a mãe.

Surge, na abjeção, uma dessas violentas e obscuras revoltas dirigidas contra aquilo que ameaça e que parece vir de um exterior ou de um interior exorbitante, ejetado para além do escopo do possível, do tolerável, do pensável. Está lá bem perto, mas não pode ser assimilado. Implora, inquieta e fascina o desejo, que, no entanto, não se deixa produzir. Apreensivo, o desejo se desvia; enauseado, ele rejeita. Uma certeza o protege do vergonhoso, uma certeza de que é orgulhoso e a ela se apega. Mas, ao mesmo tempo, da mesma forma, aquele ímpeto, aquele espasmo, aquele salto é atraído para outro lugar tão tentador quanto condenado. Inabalavelmente, como um inescapável bumerangue, um vórtice de atração e de repulsão coloca aquele, o qual assombra,

literalmente fora de si (KRISTEVA, 1982, p. 10, tradução nossa).³

O fato de ser exposto à vida íntima da mãe é descrito como perturbador ao protagonista de *Uso Errado da Vida*, que tenta sem sucesso abstrair-se daquelas cenas. No trecho a seguir, Orestes recorre a calmantes e exercícios a fim de se desconectar dos sons dos indiscretos gemidos da mãe com o amante: "Acrescentava aos calmantes copiosas canecadas de chá de tília e camomila, exercícios de relaxamento muscular e mental, que abrangiam respiração profunda e os alongamentos, sem excluir alguma masturbação nesse processo" (FERREIRA, 2019, p. 71). O fato de, mesmo com toda a tentativa de fuga, acabar tendo que recorrer à masturbação permite supor que a perturbação repulsiva que a cena materna lhe causa, não inibe impulso do desejo sexual. Pelo contrário, não se desvincula deste, remetendo Orestes a esse bumerangue indomável da abjeção do qual fala Kristeva.

A relação de Orestes com a mãe pode ser pensada sob o viés da teoria freudiana, como um Complexo de Édipo mal resolvido, uma vez que Orestes não foi capaz de redirecionar o desejo que todo menino, em determinada fase da infância sente por sua mãe, a outros objetos socialmente aceitos, conforme seria esperado em um desenvolvimento psicológico saudável.

Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis. Contudo, mais afortunados que ele, entretentes, conseguimos, na medida em que não nos tenhamos tornado psiconeuróticos, desprender nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecer nosso ciúme de nossos pais (FREUD, 1996, p. 178).

Para Freud, a tragédia de Édipo causa horror, justamente porque provoca identificação. "Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso – porque o oráculo lançou sobre

³ Do original: There looms, within abjection, one of those violent, dark revolts of being, directed against a threat that seems to emanate from an exorbitant outside or inside, ejected beyond the scope of the possible, the tolerable, the thinkable. It lies there, quite close, but it cannot be assimilated. It beseeches, worries, and fascinates desire, which, nevertheless, does not let itself be seduced. Apprehensive, desire turns aside; sickened, it rejects. A certainty protects it from the shameful — a certainty of which it is proud holds on to it. But simultaneously, just the same, that impetus, that spasm, that leap is drawn toward an elsewhere as tempting as it is condemned. Unflaggingly, like an inescapable boomerang, a vortex of summons and repulsion places the one haunted by it literally beside himself.

nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele" (FREUD, 1996, p. 179). E a autopunição de Édipo que cega seus próprios olhos estaria em acordo com a repugnância do adulto em tornar visíveis esse desejo repulsivo.

Kristeva (1982) situa o abjeto como objeto dessa repressão originária, definida como:

capacidade do ser falante, sempre já assombrado pelo Outro, de dividir, rejeitar, repetir. Sem uma divisão, uma separação, um sujeito /objeto constituído (ainda não, ou não mais). Por quê? Talvez por causa da angústia materna, incapaz de se saciar no âmbito simbólico (KRISTEVA, 1982, p. 12, tradução nossa).⁴

Segundo ela, por meio da abjeção, os povos primitivos demarcaram uma fronteira que separa a cultura humana da animalidade, representada sob os signos do sexo e do assassinato. Em contraponto a isso nos relembra que:

O abjeto nos confronta, por outro lado, e dessa vez dentro de nossa arqueologia pessoal, em nossas primeiras tentativas de nos separarmos da entidade materna, antes mesmo de existirmos fora dela, por meio da autonomia da linguagem. Trata-se de uma fuga violenta e mal-estruturada, acompanhada constantemente pelo risco de recaída no desequilíbrio de um poder tão seguro quanto sufocante (KRISTEVA, 1982, p. 12, tradução nossa).⁵

Em *Uso Errado da Vida*, Orestes, após passar toda a trama sendo espreitado por essa recaída, cede ao final e não o faz sem saber como Édipo. Quando Édipo descobre que assassinou seu pai e se casou com sua mãe, ele sente culpa, o que ainda o coloca como alguém sobre quem as regras da cultura humana têm impacto por mais que as tenha inconscientemente quebrado. Já para Orestes essas regras não mais se aplicariam, pois teria ultrapassado essa delimitação que a abjeção estabelece entre o humano e o animalesco.

Mesmo o exemplo de Hamlet, que é tomado por Freud (1996) para exemplificar o papel do filho

que tem dificuldade em se vingar do amante, por identificar-se com a figura deste, que matou e roubou o lugar do pai, não ultrapassa o limite que impede a concretização do desejo incestuoso. Em *Hamlet*, apesar de angústia existencial, e de possíveis delírios ao longo da trama, a lucidez ainda permanece suficientemente presente para que se possa refletir e buscar estratégias para lidar com o conflito. Já em *Uso Errado da Vida* a racionalidade lógica, que mal chega a estruturar-se suficientemente em Orestes, perde cada vez mais espaço para o delírio, até finalmente ceder ao irracional.

Se na trama de *Ésquilo*, o final trágico cumpre seu papel de, a partir do ato destruidor de vingança, propiciar ao leitor a experiência catártica, no enredo de Paulo Rodrigues Ferreira, não há concretização de qualquer ato destruidor nem em vingança a outros, nem no sentido autodestrutivo suicida, do qual o protagonista chega a se aproximar. Aristóteles (2004, p. 65) relaciona a não concretização da ação na tragédia à repugnância ao considerar que: "destes casos, o pior é estar a ponto de, conscientemente, praticar a acção, e não a praticar: isto é repugnante e não é trágico, pois não se consuma o acto destruidor. Por isso ninguém procede assim, a não ser raramente, como Hémon em relação a Creonte, na *Antígona*". Tal perspectiva reforça ainda mais a abjeção presente na trajetória do Orestes contemporâneo.

Apesar de termos recorrido à teoria do Complexo de Édipo, uma perspectiva mais recente no campo da psicanálise considera que, sendo precedente a Édipo, a figura de Orestes e o chamado Complexo de Orestes pode melhor adequar-se às relações contemporâneas, nas quais, em muitos casos, a figura do pai vem sendo suprimida. Conforme artigo de Recalcati (2018), as proposições de Jean-Pierre Lebrun e Michèle Gastambide no livro *Oreste, la faccia nascosta di Edipo? Attualità del matricídio* (Orestes, a face

⁴ Do original: [...] the ability of the speaking being, always already haunted by the Other, to divide, reject, repeat. Without *one* division, *one* separation, *one* subject/object having been constituted (not yet, or no longer yet). Why? Perhaps because of maternal anguish, unable to be satiated within the encompassing symbolic.

⁵ Do original: The abject confronts us, on the other hand, and this time within our personal archeology, with our earliest attempts to release the hold of maternal entity even before existing outside of her, thanks to the autonomy of language. It is a violent, clumsy breaking away, with the constant risk of falling back under the sway of a power as securing as it is stifling.

oculta de Édipo? Atualidade do matricídio) indicam que Orestes precede Édipo, pois antes de chegar à triangulação pai-mãe-filho, seria "preciso passar pela fratura da díade mãe-filho ou, melhor, pela morte, igualmente simbólica, da mãe. O gesto de *Orestes* antecipa necessariamente o de *Édipo*. [...] não é a morte do pai rival, mas sim a da mãe onipotente que sujeita o filho matando o pai" (RECALCATI, 2018, p. 1).

Enquanto Édipo representa "a tragédia do destino" da qual advém a proibição do incesto, Orestes representaria a "tragédia do impossível gozo incestuoso", impossível para quem deseja manter-se no âmbito do humano (RECALCATI, 2018). Se o pai de Orestes, em *Uso Errado da Vida*, não está morto, sua figura também não denota força suficiente para fazer valer qualquer interdição. Sua passividade perante as traições coloca o filho diante do esmorecimento da Lei do Pai. Nesse contexto, a identificação de Orestes com o papel daquele que rouba a mãe ocorre de modo ainda mais efetivo que em Hamlet.

Antes de ceder ao desejo incestuoso, o protagonista, porém, procura por Sofia e lhe conta seus erros, na esperança de que o perdão dela – da pessoa que se mostrou a ele como a menos vulnerável à abjeção, representaria uma possibilidade de fazer resistir o vínculo, mesmo frágil, que ele almejou constituir com a cultura humana, uma vez que a preservação desse relacionamento o faria resistir ao ato de entregar-se de vez aos instintos animalescos. Aqui a homonímia com a esposa de Leon Tolstói ganha novo significado, pois o ato de Orestes reproduziria o ato de Tolstói que teria mostrado a sua esposa antes do casamento um diário, onde constavam registrados casos de envolvimento que ele havia tido com outras mulheres, situação que é reproduzida entre os personagens Levin e Kitty em *Ana Karenina* (TOLSTÓI, 2000). No caso de Orestes essa tentativa de ser aceito em sua pior face é frustrada. A partir disso, ele cede, enfim, ao desejo incestuoso e, desse modo, extrapola as fronteiras entre o humano e o animal, extrapola os limites que estabelecem a abjeção.

Considerações finais

Compreender o papel das experiências de violência que permearam a trajetória de Orestes, desde a infância, mostrou-se importante para que se pudesse entender de que modo se constitui esse "uso errado da vida" na trama, pensando esse "errado" em contraposição ao que convencionalmente se considera certo em termos de comportamento humano, mas também em termos de errância, isto é, no sentido de que as relações que esse personagem estabelece com a casa, com a escola, com o bairro, enfim com todos os ambientes pelos quais passa, não constituem um vínculo de identificação suficiente, levando-o sempre a uma experiência de não lugar. Nesse sentido, com apoio nas ideias de Winnicott (2006), a problemática da falta de uma mãe suficientemente boa somada à fragilidade da figura paterna demonstrou-se como fator que o impediu de integrar-se adequadamente na cultura e nos ambientes humanos, remetendo-o a uma busca errática de integração, que termina frustrada.

Também foi possível perceber que os desajustes demonstrados pelos indivíduos com os quais Orestes se relaciona não só constituem, por si mesmos, representações da abjeção na trama, como serão fatores que levarão o protagonista a desequilibrar-se cada vez mais, pois ainda que tenha buscado alguém que fosse capaz de o fazer crer na possibilidade de encontrar sentido e submeter-se às regras da lei, da religião e da moralidade – sobre o papel das quais na relação com o abjeto discorre Kristeva (1982) – percebe que em ninguém esse sentido encontra-se suficientemente consolidado. Nem mesmo em figuras como Gertrudes que se colocam, em aparência, como exemplo de obediência a essas regras.

Ao fazermos um pequeno deslocamento, considerando, ainda que brevemente, a concepção de Butler acerca da abjeção, podemos perceber que a fragilidade dos sistemas (lei, religião, moralidade) revelou-se não só pelos desajustes presentes nos personagens, mas também como elementos inerentes a esses sistemas. Sistemas,

cujas regras definidas prioritariamente pelos grupos dominantes definem quais corpos e, assim, quais vidas são importantes e quais devem ser vistas como abjetas. Essa perspectiva este-reotipada e preconceituosa construída acerca daqueles que se diferenciam do padrão ideal (negros, homossexuais, pessoas gordas ou com deficiência), encontra-se por vezes representada nas relações entre os personagens de *Uso Errado da Vida*. Tais representações evidenciam que o que está em xeque é, antes de tudo, a própria validade desses sistemas que demonstram assim estarem corrompidos pelo absurdo dos jogos de poder, fator que, como já aponta Kristeva (1982), leva o escritor a brincar com suas regras.

Retomar algumas das referências intertextuais evocadas na obra, em especial o Orestes de Ésquilo e Hamlet de Shakespeare, possibilitou, ainda que brevemente, estabelecer comparativos acerca do modo como o desenvolvimento desse conflito com a figura da mãe adúltera se deu nessas representações literárias de épocas diversas. Nesse aspecto, o referencial relacionado às teorias psicanalíticas do Complexo de Édipo e do Complexo de Orestes mostrou-se profícuo ao diálogo com a proposição de Kristeva (1982) sobre o fato de a abjeção nos confrontar com nossa necessidade mais arcaica de separação da entidade maternal, como forma de nos definirmos enquanto humanos. Sobretudo, esse diálogo deixou ainda mais claro o quanto o desfecho de *Uso Errado da Vida* transpõe a fronteira que nos separa da animalidade, ultrapassando os limites impostos pela abjeção.

Além disso, o confronto entre os dois complexos, Édipo x Orestes, se não nos conduziu a pensar na substituição de um pelo outro, nos colocou diante de uma questão bem atual, que é a de que perante a diversidade de composições familiares, talvez um modelo de teoria psicanalítica pautado em um único modelo de estrutura familiar não seja suficiente para abarcar a complexidade das relações contemporâneas e, conseqüentemente, suas representações artístico-literárias, algo que Freud já supunha ao evocar a figura de Hamlet como um modo diferente de desenvolvimento

do conflito em relação à figura materna.

Ao final, a pesquisa demonstrou o quanto essa característica imoderadamente intertextual da trama propicia uma riqueza de possibilidades interpretativas e comparativas, não só no campo da teoria literária, mas também da psicanálise e até mesmo de abordagens relacionadas ao âmbito político e sociológico, quando se pensa nas dinâmicas sociais representadas na trama. Essas duas áreas que aqui talvez não tenham sido muito exploradas em razão do privilégio dado a outras temáticas, se mostram profícuas a pesquisas futuras, especialmente pelo fato de ainda ser uma obra recente, com pouca produção a seu respeito.

Referências

- ARAUJO, Wagner Santos. A obra portuguesa 'Uso errado da vida' de Paulo Rodrigues Ferreira: uma proposta de análise das personagens e seus temas como índices do contemporâneo. *Abril - NEPA/UFF*, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 65-80, 2022. <https://doi.org/10.22409/abriluff.v14i28.51293>.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.
- ARNAUT, Ana Paula. Do Post-Modernismo ao Hipercontemporâneo: morfologia(s) do romance e (re)figurações da personagem. *Revista de Estudos Literários*, [S. l.], v. 8, p. 19-44, 2018. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rel/article/view/2183-847X_8_1/5052. Acesso em: 31 jul. 2021.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.
- AUGÉ, Marc. *O sentido dos outros*: atualidade da antropologia. Tradução de Francisco da Rocha Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BIRCK, Daniele. Senhora dos Afogados: Uma Paródia Rodriquiiana? *Revista Scripta Alumni*, [S. l.], v. 6, p. 93-104, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154160>. Acesso em: 31 jul. 2021.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], n. 157, p. 155-167, 2002.
- DAMIÃO, Wagner Roriz; DIESEL, Úrsula Betina. A despersonificação do lar: o não-lugar como objeto de consumo da pós-modernidade. *Universitas: Arquitetura e Comunicação Social*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 49-58, 2013. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/arqcom/article/view/1967>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- ÉSQUILO. *Oresteia*: Agamémnon, Coéforas, Eumênides. Coimbra: Edições 70, 2008.

FERREIRA, Lidiane Cristine de Lima. *O mito de Orestes em Esquilo, Racine e Sartre*. Orientador: Guacira Marcondes Machado Leite. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154160>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FERREIRA, Paulo Rodrigues. *Uso Errado da Vida*. Lisboa: Companhia das Ilhas, 2019.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection*. Tradução de Louis-Ferdinand Celine. Nova York: Columbia University Press, 1982.

MANIFESTO da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABGLT). In: *Conselho Nacional de Saúde*. Brasília, 16 maio 2014. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html. Acesso em: 23 jul. 2021.

RECALCATI, Massimo. Il nostro complesso?: Oreste batte Edipo. *La Repubblica*. Roma, 12 fev. 2018. Cultura. Disponível em: https://www.massimorecalcati.it/images/La_Repubblica_12_febbraio_2018.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

REAL, Miguel. A epifania do amor. *Jornal de letras, artes e ideias*, [S. l.], p. 13, 5 out. 2011. Disponível em: <https://objectiva.blogs.sapo.pt/635.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

TOLSTÓI, Leo. *Anna Karenina*. New York: Penguin Classics, 2000.

SHAKESPEARE, Willian. *Hamlet: príncipe da Dinamarca*. Tradução de José Antonio de Freitas. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção a obra-prima de cada autor, v. 39).

VAGUEAR. In: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, [2010]. Disponível em: play.google.com/store/apps/details?id=br.com.editorapositivo.aurelio&hl=pt_BR&gl=US. Acesso em: 20 jul. 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Gisele Silva Oliveira

Graduada em Letras pela Fundação de Ensino Superior de Passos (FESP), em Passos, MG, Brasil. Especialista em Promoção de Igualdade Racial na Escola pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Ouro Preto, MG, Brasil. Mestranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil. Auxiliar de Biblioteca no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), em Passos, MG, Brasil.

Endereço de correspondência

Gisele Silva Oliveira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais

Rua da Penha, 290, Biblioteca

Penha II, 37903-070

Passos, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.